

PROUST: LITERATURA, PSICANÁLISE E FILOSOFIA

Carlos de Almeida Vieira

Porque, como já demonstrei, não seriam meus leitores, mas leitores de si mesmos, não passando de uma espécie de vidro de aumento, como os que oferecia a um freguês o dono da loja de instrumentos ópticos em Combray, o livro graças ao qual eu lhes forneceria meios de se lerem.

(O Tempo Redescoberto)

Quanto a isso, continua o Sr. Proust, meu livro será talvez como um ensaio de uma sequência de “Romances do Inconsciente”...

A literatura está intrinsecamente ligada à filosofia, à psicologia e à psicanálise. Desde o primeiro documento literário, a Bíblia, encontramos razões suficientes para pensar os meandros, as questões ligadas às vicissitudes da alma e, por que não afirmar, a preocupação em descrever, compreender e dar sentido às manifestações da realidade psíquica, ainda que o foco seja moral e religioso, restrito desse modo a algo estabelecido por preconceitos. No entanto, vai depender do modo como se lê um texto repleto de metáforas e ensinamentos.

Ao psicanalista, hoje, é inadmissível a privação dos textos literários como subsídios para aprofundar com mais riqueza o conhecimento da realidade sensível e psíquica. Não se pode prescindir da leitura de Shakespeare,

Virgílio, Homero, Quixote, e tantos outros clássicos que meditaram consciente e inconscientemente em suas obras a questão da existência humana nas mais diversas manifestações. S. Freud nunca escondeu sua humilde e respeitosa atitude em reafirmar que em tudo o que ele observou, pesquisou e encontrou em seu divã, os poetas já tinham chegado antes.

É nesse contexto que proponho coisa que não é novidade para uma maioria de autores, romancistas, críticos literários, filósofos e historiadores: reforçar a ideia de que ao psicanalista não se entende ficar fora da leitura dos “ícones da literatura”, para com eles aprender e desenvolver seu método de trabalho, principalmente, sua arte de psicanalisar. Wilfred Bion sabia disso quando enfatizou os vários vértices de olhar do psicanalista: o científico-filosófico; o estético-artístico e o místico-religioso.

Jeanne-Marie Gagnebin, em seu posfácio: “Entre sonho e vigília: quem sou?”, publicado no volume primeiro do *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust – *No caminho de Swann*, tradução de Mário Quintana, faz uma síntese de questões implícitas na obra de Proust, quando escreve: “Tal prova modificadora de si mesmo, a obra de Proust, *Em busca do tempo perdido*, a configura de maneira exemplar. Trata-se de um texto que desafia definições rígidas dos gêneros literários e os ultrapassa, criando uma nova unidade fundadora na escrita contemporânea: romance, autobiografia aparente que desmascara sua impossibilidade, ensaio estético-filosófico, tratado de psicologia”. Enfatizo aqui, ex-

Para acompanhar a viagem proustiana de Carlos de Almeida Vieira, o psicanalista e artista Alexandre Ricciardi navegou por mares diferentes e fez uma representação da obra literária, em sua multiplicidade de estilos, nacionalidades, idiomas. Escolheu seu autor preferido, Nelson Rodrigues, e expressou a diversidade de elementos psicanalíticos contidos na obra rodrigueana.



traindo da leitura desse ensaio, que a obra de Proust é uma “autoanálise” em busca do ser, mas de um ser que é somente validado na experiência do vivido e não do teorizado.

Saliento nesse escrito, que por motivos óbvios não há condições de um prolongamento maior, a necessidade de pensar: qual o método de Proust para conhecer “o perdido”? Qual a semelhança de sua disciplina para esperar a apofania da “memória involuntária”? Sua autoanálise, do meu ponto de vista, mesmo sem conhecer os estudos de Freud, os elementos do “artesanato psicanalítico”: estado oníroide (atenção flutuante); memória involuntária (advindo da atenção flutuante(?); “durante o sono (ao dormir), não havia cessado de refletir sobre o que acabara de ler”. Diz a ensaísta citada acima: ...ele (Proust) se afirma unicamente enquanto aquele que pensa, medita, sonha, hesita, duvida, escreve, toma a palavra, como sujeito da atividade de enunciação, diria Benveniste. Na arte do psicanalista para desenvolver e propor nomear as experiências não pensadas dos seus analisandos quando vivem, fazendo uma metáfora, quando inebriados através do olfato no contato com suas “Madeleines” acompanhadas de suas “memórias involuntárias”. Esse processo descrito de uma maneira poética na *Recherche* auxilia os psicanalistas na disciplina de observação e no desenvolvimento de sua experiência compartilhada com seu colega de trabalho – o analisando.

Philippe Willemart, francês, radicado no Brasil, psicanalista e diretor do Laboratório do Manuscrito Literário (FFLCH/USP), profundo conhecedor da obra de Marcel Proust, em seu belo e profundo livro: *Proust, Poeta e Psicanalista*, editado pela Ateliê Editorial, lembra Freud através de uma citação contida nos *Ecrits*, p. 431: “O que distingue Freud de todos os autores que escreveram sobre o mesmo assunto, e inclusive do grande Fechner,

é a ideia de que o objeto da busca humana nunca é um objeto de reencontros no sentido da reminiscência. O sujeito não reencontra os trilhos pré-formados de sua relação natural com o mundo exterior. O objeto humano se constitui sempre por intermédio de uma primeira perda. Nada de fecundo ocorre para o homem a não ser por intermédio de uma perda do objeto”.

Sem ter a pretensão de psicanalisar a obra de Proust, coisa que aceito com reservas, meu interesse aqui é se dedicar mais ao estudo de uma “sinfonia inacabada por Proust que começa com uma exposição, uma apresentação do tema – ‘no caminho de Swann’, seguindo por um desenvolvimento compreendido por seus cinco seguintes volumes, culminando com um grande final(?) – ‘o tempo redescoberto’”. É para mim uma travessia autoanalítica, algo que poderia ser lido pensando na “interpretação dos sonhos” de Freud. Aliás, Walter Benjamin, em seu ensaio “A Imagem de Proust”, aproxima-se dessa ideia quando sugere que: “Os treze volumes de *À la recherche du temps perdu* (traduzido por ele para o alemão) é o resultado de uma síntese impossível, na qual a absorção do místico, a arte do prosador, a verve do autor satírico, o saber do erudito e a concentração do monomaniaco se condensam numa obra autobiográfica”. A obra de Proust é mais uma celebridade que tem a capacidade de, através das suas descrições, fazer de tal modo que cada um, inevitavelmente, encontre experiências próprias do seu vivido.

Fica aqui nesse escrito o convite para mergulhar mais nessa “sinfonia”; nessa experiência insólita, sofrida, recolhida à escuridão de um quarto e às vicissitudes do “dormir”, do “sonhar”, do “lembrar involuntário”, do conviver com a doença desde criança. Da experiência do tempo; do procurar no vivido, o ser e não o saber sobre o ser, de um modo

teórico e inteligente. Essa travessia rememorada, pensada e vivida, autobiográfica, autoanalítica, soma o quanto Freud criou como consequência de sua análise; o sofrimento por viver e ser de Gustave Flaubert (Proust foi seu leitor), assim como de Balzac, e aqui, em nossa literatura, reside também na pena de Guimarães Rosa e na evolução do pensamento de Carlos Drummond.

Grave incerteza, todas as vezes em que o espírito se sente ultrapassado por si mesmo quando ele, o explorador (aquele que procura), é ao mesmo tempo o país obscuro a explorar (onde deve procurar) e onde todo o seu equipamento (toda sua bagagem) de nada lhe servirá. Explorar? Procurar? Não apenas explorar (procurar). Está em face de qualquer coisa (algo que ainda não existe (é) e a que só ele pode dar realidade (e que somente ele pode realizar) e fazer entrar na sua luz. (No caminho de Swann)



Carlos de Almeida Vieira é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília e membro titular e professor da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.